

NEGACIONISMO CLIMÁTICO COMO SINTOMA DE ACRASIA COLETIVA

Rui Sousa Basto

Universidade de Santiago de Compostela
ruibasto@oxys.pt

Resumo

O negacionismo climático é apontado como uma das causas para o incumprimento dos acordos internacionais sobre o clima. Neste artigo balizamos o conceito de negação na perspetiva da psicologia, refletimos sobre o negacionismo da história e da ciência, assinalamos os casos das indústrias das armas, tabaco e combustíveis fósseis e demarcámos o conceito de negacionismo de outros que aparentemente lhe são próximos. Por fim, relacionamos o negacionismo com o estado de acrasia coletiva em relação às alterações climáticas que se verifica nas instâncias do poder e na população em geral, sugerindo que o negacionismo climático é sintoma desse estado acrático global.

Palavras-chave: Acrasia coletiva; Alterações climáticas; Negação; Negacionismo.

Abstract

Climate denialism is identified as one of the causes of the failure to comply with international climate agreements. In this article, we define the concept of denial from a psychological perspective, reflect on the denial of history and science, highlight the cases of the arms, tobacco, and fossil fuel industries, and distinguish the concept of denialism from others that appear to be closely related. Finally, we link denialism to the state of collective akasia regarding climate change, observed both in the spheres of power and among the general population, suggesting that climate denialism is a symptom of this global akratic state.

Keywords: Collective akasia; Climate change; Denial; Denialism.

Introdução

Apesar do robusto consenso da comunidade científica sobre a influência decisiva da ação humana nas graves consequências das alterações climáticas, e do

conhecimento dessas consequências por parte dos agentes políticos, económicos e financeiros que governam o mundo, os esforços para evitar uma catástrofe planetária têm-se revelado manifestamente insuficientes. Esta ineficácia sugere a existência de um estado de acrasia coletiva global. A acrasia coletiva ocorre quando um agente coletivo sabe o que é racionalmente melhor para o interesse do grupo, mas age de forma contrária a esse conhecimento. Um dos principais fatores que contribuem para esse estado acrático é o negacionismo climático, que tem sofrido um incremento significativo nos últimos anos, impulsionado pelo crescimento de políticas populistas conservadoras e iliberais, frequentemente associadas à extrema-direita. Para compreender a aparente acrasia coletiva global nesta era antropocénica, é necessário analisar o fenómeno do negacionismo, tentando discernir, entre outras dimensões, se o negacionismo é fruto de má-fé, manipulando as pessoas, ou se decorre de crenças, ignorância ou até indiferença.

1. Psicologia da negação

Do ponto de vista da psicologia, há duas situações-limite sobre a negação. A primeira sucede quando se nega o que não sucedeu ou que não existe; a segunda acontece quando se nega deliberada e conscientemente o que sucedeu ou existe. Enquanto no primeiro caso a negação é legítima, no segundo caso é uma mentira intencional. Entre estas duas situações extremas há estágios intermédios. Por exemplo, pode-se negar o que existe ou sucedeu por falta de informação completa; como também se pode negar porque a aceitação dos factos causa um desconforto que se pretende evitar (Gomes & Zamora, 2024). Neste caso, os psicanalistas diriam que a negação é um mecanismo de proteção do ego (Gomes & Zamora, 2024). Excluem-se dos exemplos citados, naturalmente, as negações causadas por ilusões resultantes de transtornos psiquiátricos, traumatismos cerebrais ou doenças neurológicas (Bardon, 2020).

2. Negacionismo da história e negacionismo da ciência

O negacionismo tanto pode ser da história quanto da ciência. A negação do Holocausto é um exemplo de negacionismo da história. Os nacional-socialistas alemães foram os primeiros a alegar que o extermínio industrial dos judeus nos campos de concentração nazis nunca ocorreu. Argumentavam que existia uma conspiração global, de inspiração judaica, que pretendia alterar os factos da história. Ao procederem dessa maneira, procuraram passar de algozes a vítimas. Para Donatella Di Cesare (2024), a sua intenção é “fazer passar as vítimas por farsantes, as testemunhas por mentirosas e os sobreviventes por falsificadores”. A filósofa italiana afirma que os negacionistas do Holocausto apresentam a *Shoah* como uma invenção, uma farsa, um pretexto usado pelos judeus para criarem o Estado de Israel. A estratégia dos negacionistas do Holocausto tem como tática predominante a instalação da dúvida. Para Di Cesare (2024), o método é o seguinte: “Eles pedem o número concreto, o número preciso das pessoas que foram exterminadas. E perguntam, como se fosse um interrogatório inocente: “São realmente seis milhões?” E respondem: “Se não são, obviamente, você está mentindo.”” (p. 7). Assim, como é impossível saber o número exato de vítimas, os negacionistas desviam subtilmente o foco da questão, instalando a dúvida. A filósofa italiana faz notar que “É uma dúvida propositalmente levantada para negar ou atenuar os acontecimentos.” E acrescenta: “(...) uma dúvida que contém em si a afirmação negacionista.” (p. 7).

A propagação da dúvida é uma característica central do negacionismo, e tem sido aplicada com sucesso por interesses particulares que são ou podem vir a ser prejudicados pela verdade científica. Foi o caso da indústria tabaqueira em meados do século passado, negando os malefícios do tabaco, e mais recentemente o caso da indústria petrolífera em relação às evidências das alterações climáticas, pontos que abordaremos mais adiante.

O negacionismo da ciência tece-se com as mesmas teias e tramas do negacionismo da história. Desde as *Conjeturas e Refutações* de Carl Popper (2018), obra

publicada em 1963, que sabemos que a produção de conhecimento não é um processo cumulativo, mas progressivo. O método científico comporta a exigência de falsear/refutar uma ideia a partir de outras que lhe sejam concorrentes, o que significa que a ciência não é estática, está em permanente desenvolvimento. Mas para os negacionistas, a ciência é apenas uma hipótese. Os negacionistas transformam as evidências científicas numa opinião, que na perspectiva deles é tão válida como outra qualquer. Em *Verdade e Política*, Hannah Arendt (1995: 31) afirma que “(...) a verdade de facto não é mais evidente do que a opinião, e essa é talvez uma das razões pelas quais os detentores de opinião consideram relativamente fácil rejeitar a verdade de facto como se fosse outra opinião”. A filósofa alemã acrescenta que “O contrário de uma afirmação racionalmente verdadeira é, ou o erro e a ignorância, nas ciências, ou a ilusão e a opinião, em filosofia” (p. 16). No contexto em análise – dizemos nós – talvez se possa acrescentar que a negação de uma evidência científica pode ser também resultado de má-fé.

A negação da pandemia de Covid-19 revelou a complexidade do negacionismo da ciência, a pluralidade das suas razões. Por vezes, os negacionistas da ciência refutam as evidências com “verdades alternativas” apoiadas na pseudociência e em personagens sem credibilidade científica. Durante a pandemia de Covid-19 o mundo assistiu a momentos caricatos protagonizados por políticos com responsabilidades de muito alto nível, como o presidente dos EUA, Donald Trump ou o do Brasil, Jair Bolsonaro. Em plena crise pandémica, quando o ex-presidente brasileiro se referia num evento público aos efeitos secundários da vacina da Pfizer/BioNTech, fez a seguinte afirmação, profusamente reportada na imprensa internacional: “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro: nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito secundário. Se você virar um jacaré, é problema seu” (Diário de Notícias, 2020). Quando esta declaração foi proferida, já tinham falecido cerca de 185 mil pessoas no Brasil por causa da pandemia, número que cresceria mais tarde para mais de 700 mil. Alguns dias depois, no Estado da Bahia, Bolsonaro proferiu

uma nova declaração polêmica – e dizemos polêmica para eufemizar o adjetivo: “Se você se transformar em Super-Homem, se crescer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada com isso” (Diário de Notícias, 2020). Através de uma afirmação desta natureza, mantendo a sua atitude negacionista em relação à Covid-19, Bolsonaro procura evidenciar a sua condição de macho-alfa, de líder dominante e confiante, que é a forma como gosta de ser considerado.

Tal como Bolsonaro, também Donald Trump gosta de ser apreciado como macho-alfa. O presidente dos Estados Unidos, que se considera “o ser humano mais honesto que Deus alguma vez criou” (CNN Portugal, 2022) e que disse que os moinhos de vento causam cancro, entre outras declarações inqualificáveis que correram o mundo, chegou a sugerir o uso de um desinfetante para combater a covid-19 (CNN Portugal, 2022).

Na opinião de Donatella Di Cesare (2023) é contraproducente discutir as teses negacionistas no seio das ciências naturais ou humanas, pois isso apenas reforça as convicções de quem nega as evidências históricas e científicas. Para Di Cesare (2023) é preciso sair da esfera do debate dos especialistas; é preciso, também, recusar responder a perguntas negacionistas sem antes conhecer o seu caráter, ou seja: sem antes se saber se são perguntas inocentes ou de má-fé.

3. História breve do negacionismo

Para Michael Mann (2021), professor de Ciências da Terra e Ambientais da Universidade da Pensilvânia, o negacionismo surgiu há mais de um século, com a indústria das armas. O setor industrial de produção de armamento usava o *slogan* “armas não matam pessoas, pessoas matam pessoas”. Anos mais tarde, a indústria do tabaco seguiu o exemplo da indústria do armamento, em resposta aos estudos médicos entretanto publicados que começaram a estabelecer uma relação direta entre o ato de fumar e o surgimento de cancro das vias respiratórias e dos pulmões. Tudo começou em dezembro de 1953, quando Paul M. Hahn, presidente da empresa tabaqueira American, enviou

um telegrama a todos os presidentes das sete maiores empresas de tabaco e a uma organização de produtores, convidando-os a participar numa reunião para o desenvolvimento de uma resposta que pudesse contrariar a publicidade negativa aos cigarros.

A 14 de dezembro de 1953, os presidentes das empresas Reynolds, Lorillard, B&W, Philip Morris, Benson and Hedges (a Liggett faltou à chamada) e dos presidentes da Tobacco Associates, Inc. e da United States Tobacco Co. realizaram uma reunião num bar do Hotel Plaza, em Nova Iorque, durante a qual decidiram contratar os serviços da empresa de relações públicas Hill & Knowlton, na pessoa de John Hill, à época considerado um dos mais prestigiados profissionais da área (Plaza Hotel meetings: n.d.). No dia seguinte, numa nova reunião, a Hill & Knowlton apresentou uma proposta de trabalho para responder ao que lhe tinha sido solicitado. Depois disso, nas reuniões que se foram realizando foi concebida uma estratégia para a defesa da indústria tabaqueira: a instalação da dúvida, produzindo novas “evidências científicas” que relativizassem a opinião dos investigadores das ciências médicas. Para esse efeito, o conglomerado de tabaqueiras conspirou para tomar uma série de medidas, entre as quais se podem referir as seguintes: (1) criou o Tobacco Industry Research Committee (TIRC), instituição que selecionava os resultados das investigações que lhes eram convenientes; (2) promoveu campanhas milionárias enganosas, incluindo anúncios publicitários na imprensa; (3) comprou debates na televisão com a participação de negacionistas, sob o pretexto de que devem ser atendidos os argumentos de todas as partes; e (4) contratou médicos e investigadores corruptos a quem pagou fortunas para contrariarem as evidências científicas. Tudo isso foi feito para instalar a dúvida. O negócio desse conglomerado de empresas passou a ser a gestão da dúvida (Plaza Hotel meetings: n.d.).

A 4 de janeiro de 1954, a constituição formal do TIRC foi anunciada numa página inteira de publicidade publicada em 448 jornais em todos os Estados dos EUA, intitulada *A Frank Statment to Cigarette Smokers*. Essa declaração procurava passar a mensagem de que a indústria tabaqueira

estava atenta e mantinha a discussão aberta a todos os desenvolvimentos que pudessem vir a suceder, mas afirmava que a relação entre o fumo dos cigarros e o cancro do pulmão não estava cientificamente comprovada, que os cigarros não eram prejudiciais à saúde e que seria necessário realizar mais investigações sobre a alegada ligação entre o fumo e a saúde. O texto acrescentava que as empresas participantes (todas identificadas no anúncio) consideravam que a saúde das pessoas era uma responsabilidade básica superior a qualquer outra consideração do seu negócio, e por isso prometia “ajuda e assistência aos esforços de investigação sobre todas as fases do uso do tabaco e saúde, financiando investigações independentes através do TIRC, isento de qualquer influência da indústria” (Plaza Hotel meetings: n.d.). Num balanço final a esta guerra negacionista, o mínimo que se poderá dizer é que o conglomerado das tabaqueiras teve sucesso, porque a indústria do tabaco permaneceu incólume durante pelo menos 50 anos.

A indústria petrolífera, por sua vez, inspirou-se no sucesso da campanha da sua congénere tabaqueira. Nas décadas de 1980 e 1990, a indústria do carbono financiou Think Tanks negacionistas, como o Marshall Institute, o Cato Institute e o Heartland Institute, este último do bem conhecido negacionista Fred Singer, para desenvolver ações que contrariassem os estudos da comunidade científica, nomeadamente as conclusões do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC), cuja concordância entre os cientistas sobre a influência antropogénica nas alterações climáticas crescia consistentemente (Miguel, 2022), sendo hoje uma quase unanimidade.

4. O conceito de negacionismo

Chegados a este ponto, para evitar confusões epistémicas e consequentes implicações éticas, talvez seja adequado demarcar o conceito de negacionismo de outros conceitos que lhe são aparentemente próximos. Os negacionistas, por exemplo, preferem o conceito de ceticismo para classificar as suas dúvidas em relação às

alterações climáticas (Gomes & Zamora, 2024). Será igualmente útil separar o negacionismo da pseudociência, ignorância e agnotologia, o que faremos nos itens seguintes.

4.1. Negacionismo e ceticismo

O ceticismo, enquanto contraponto do dogmatismo, está contido no método científico. O ceticismo científico questiona permanentemente se uma determinada afirmação está sustentada em investigação científica e se é reproduzível. Por ser uma prática do método científico, muitos negacionistas preferem afirmar-se céticos. Todavia, há uma diferença substancial entre negacionismo e ceticismo: tanto o negacionista quanto o cético coloca a dúvida no centro da sua atenção, mas enquanto o cético duvida racionalmente por considerar que as evidências que lhe são apresentadas não são suficientes, o negacionista duvida quando as evidências entram em conflito com os seus interesses ou crenças (Gomes & Zamora, 2024).

De acordo com a Ordem dos Psicólogos Portugueses (2023),

A posição mais ou menos cética em relação ao clima é determinada pelo sistema de crenças de cada pessoa. É através do raciocínio motivado (*motivated cognition*) que as pessoas mantêm uma visão do mundo consistente com as suas crenças e valores. Por este prisma, mesmo a vivência de um tornado, vaga de calor ou *tsunami* com consequências devastadoras, poderá ser insuficiente para convencer uma pessoa de que a crise climática é real (p. 39).

4.2. Negacionismo e pseudociência

Também se deve demarcar o negacionismo da pseudociência. Do ponto de vista da psicologia, a deteção da presença de algo que não existe é um erro cognitivo de Tipo I, ou falso positivo, enquanto a negação de que algo existe é um erro cognitivo de Tipo II, ou falso negativo (Gomes & Zamora, 2024). A astrologia, por exemplo, é uma pseudociência, um erro cognitivo do Tipo I. O astrólogo Olavo de Carvalho, ideólogo de Jair Bolsonaro, foi um

conhecido negacionista da ciência, tanto da Covid-19 quanto das alterações climáticas. Entre as suas controversas declarações – como da vez em que disse que a Teoria da Relatividade de Einstein estava errada (InfoAmazonia, 2023) – Carvalho publicou um artigo no jornal brasileiro Diário do Comércio, intitulado *Ciência ou palhaçada?*, em que associava as notícias sobre o aquecimento global a uma militância esquerdista que se teria infiltrado nas organizações internacionais (Miguel, 2022), cometendo assim um erro do Tipo II.

No âmbito da psicologia, há dois conceitos que ajudam a explicar as razões que levam as pessoas a serem negacionistas da ciência: o viés de confirmação e o Efeito Backfire, que pode ser traduzido, livremente, por “tiro pela culatra” (Aguiar, Monteiro & Batista, 2022). No viés de confirmação, o negacionista seleciona apenas as evidências que reforçam os seus argumentos, excluindo as restantes; por sua vez, o efeito “backfire” sucede quando se mostram evidências científicas às pessoas para se tentar convencê-las a mudar de opinião, mas nesses casos “o tiro sai pela culatra”, porque em vez de se deixarem convencer, essas pessoas interpretam as informações que recebem de uma forma que reforça as suas convicções (Aguiar, Monteiro & Batista, 2022). Para os investigadores noruegueses (Krange, Kaltenborn, & Hultman, 2021: 5),

(...) o ceticismo e a negação podem estar ligados a antecedentes como a socialização precoce e o capital cultural [...], a proteção da identidade de grupo e sistemas sociais que oferecem benefícios desejados, assim como o anti-elitismo [...], a falta de confiança na ciência formal e nas instituições [...], e o populismo de direita e a xenofobia (...).

4.3. Negacionismo e ignorância

Investigações recentes sugerem que será pouco sensato estabelecer uma correlação direta entre negacionismo e ignorância. Os dados estatísticos disponíveis (e a nossa experiência pessoal, tanto a minha quanto a do leitor) sobre quem se declara negacionista têm

vindo a mostrar que pessoas inteligentes, cultas, informadas e com um bom nível de vida podem ser negacionistas da ciência, como se verificou durante a pandemia de Covid-19. Muitas dessas pessoas fazem-no por razões ideológicas ou por interesses particulares. No caso das alterações climáticas, há estudos recentes que mostram que o posicionamento político é mais importante do que a influência das variáveis sociodemográficas para explicar o negacionismo climático (Krange, Kaltenborn & Hultman, 2021).

A Ordem dos Psicólogos Portugueses (2023) fala de uma “ignorância plural” para se referir à «(...) percepção errónea de que as outras pessoas estão pouco preocupadas e não desejam falar sobre as alterações climáticas.» (p. 40). Esta situação agrava-se pela “espiral do silêncio”, que consiste no facto de as pessoas acharem, erradamente, que devem evitar falar com outras pessoas sobre a crise do clima, por temerem que esse assunto seja inapropriado (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2023).

4.4. Negacionismo e agnotologia

Por fim, será útil distinguir negacionismo ingénuo de agnotologia, para que consigamos perceber se estamos na presença de alguém que nega as evidências científicas porque genuinamente crê que não existem ou que não são antropogénicas ou ambas as coisas, ou se nos encontramos na presença de profissionais do negacionismo, produtores deliberados de notícias falsas por razões políticas, económicas, religiosas ou culturais. Como bem observa Gomes & Zamora (2024: 10), a agnotologia é um “(...) conceito central para a compreensão de agendas políticas organizadas para a propagação deliberada do negacionismo”. A utilização massiva de notícias falsas nas redes sociais em proveito das campanhas eleitorais de Jair Bolsonaro (eleito em 2019) e Donald Trump (eleito em 2017 e reeleito em 2024), bem como a recusa de ambos em aceitar os resultados do escrutínio, são exemplos de políticas de produção da ignorância. Como sempre, baseadas na dúvida.

5. Negacionismo climático e acrasia coletiva

É neste contexto de múltiplas máscaras do negacionismo que importa compreender a sua influência no aparente estado de acrasia coletiva em relação às alterações climáticas que se instalou entre os responsáveis políticos, económicos e financeiros, e em larga medida na população em geral. Estudos recentes têm mostrado que a resistência da sociedade civil a medidas que combatam as alterações climáticas surge com mais frequência junto de pessoas ou grupos que temem perder os benefícios sociais e económicos que detêm, principalmente homens brancos e conservadores, já que esses mesmos estudos apontam para a existência de um viés de género, em que a negação climática está mais associada a homens do que a mulheres – embora outros estudos contradigam essas conclusões (Krange, Kaltenborn & Hultman, 2021). Será necessário, assim, aprofundar este aspeto particular do negacionismo para se entender se e como contribui para as suas razões explicativas.

No espectro político, o negacionismo climático é associado à direita e à extrema-direita, mas não exclusivamente, porque alguns partidos políticos que se posicionam à esquerda, mas que são conservadores por natureza, são também negacionistas das alterações climáticas. É o caso do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), em que o seu deputado Aldo Ribeiro, numa audiência na Câmara de Deputados promovida cirurgicamente nas vésperas da COP-15 – para a qual foi convidado o meteorologista e professor da Universidade de Alagoas Luiz Baldicero Molion, conhecido negacionista – afirmou que as leis ambientais do Brasil geram pobreza e são uma nova forma de colonialismo (Miguel, 2022). Todavia, de uma maneira geral, os responsáveis pelos destinos do mundo tentam fazer crer que os seus governos estão a fazer o que deve ser feito para se alcançarem as metas definidas no Acordo de Paris, não-obstante o IPCC ter vindo a anunciar que o limite de 1,5° de aumento de temperatura global, talvez a mais importante dessas metas, jamais será alcançado no prazo definido se não forem tomadas as medidas draconianas (o adjetivo é nosso) que

constam do seu menu de recomendações, o que se nos afigura como sendo o mais provável.

A Ordem dos Psicólogos Portugueses (2023) afirma que “o combate às alterações climáticas, e as medidas propostas para o fazer, chocam com crenças, valores e políticas defendidas pelas pessoas mais à direita do espectro político” (p.39). Contudo, as atuais convulsões geopolíticas, o surgimento de novas propostas partidárias nos países com regimes democráticos, e o recrudescimento do populismo em muitos países do Norte Global podem ter alterado essas conclusões, contribuindo negativamente para o enriquecimento da sempiterna discussão sobre o que a direita e a esquerda significam e como se diferenciam mutuamente.

Vem isto a propósito de um artigo publicado em agosto de 2024 sobre a ascensão de Sahra Wagenknecht na cena política alemã intitulado: “Nova estrela da política alemã é tão de extrema-esquerda que é de extrema-direita” (Angelos, 2024). O autor do artigo sugeria que o êxito eleitoral de Wagenknecht teria sido a adoção de uma ideologia designada por conservadorismo de esquerda. E acrescentava que Wagenknecht havia ganho o aplauso dos círculos alemães de extrema-direita, como os elogios de Björn Höcke, do partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (AfD). Wagenknecht tornou-se uma das vozes principais do *Die Link*, ou Partido de Esquerda, fundado em 2007, mas rapidamente se tornou uma figura controversa, mesmo para os seus camaradas, que reprovavam, por exemplo, as críticas de Sahra às políticas da então chanceler Angela Merkel de permitir a entrada de centenas de milhares de requerentes de asilo; e também a criticaram durante a pandemia de Covid-19 por ela se ter tornado uma adversária feroz de medidas de combate à pandemia, como quando se referiu aos “confinamentos obrigatórios” (tal como os classificou em tom pejorativo), numa atitude claramente negacionista. Curiosamente, Sahra Wagenknecht concorre com o partido político que fundou, cuja denominação oficial não deixa de ser peculiar: Aliança Sahra Wagenknecht, o que denota um carácter iminentemente populista. Donald Trump, Marine Le Pen,

Boris Johnson, Jair Bolsonaro ou André Ventura não teriam feito melhor.

Para White (2023), o populismo prolifera em ambientes de emergência, que é o caso da crise climática. Para o professor da London School of Economics “(...) é importante considerar o contexto político no qual o populismo encontra ressonância, o que pode atribuir-lhe conotações que vão além das suas características ideológicas centrais” (p. 3). White (2023) defende que a partir do momento em que as alterações climáticas se tornaram uma emergência que exige respostas nacionais e transnacionais, a crise climática transforma-se em terreno fértil para o populismo, que para além das características básicas que o conformam, como o antielitismo, o antipluralismo e a defesa incondicional da vontade do “verdadeiro povo”, difunde a ideia de que os cidadãos devem ser livres nas suas escolhas (que na verdade são as escolhas dos líderes populistas), em vez de se submeterem a políticas concebidas pelos “outros”, os “antipatriotas”. Assim, a promessa populista é uma promessa de agência, mesmo em contextos em que outros desconsiderariam essa capacidade. Desse modo, no momento em que se torna uma emergência, a crise climática transforma-se também num alvo da crítica populista. Para White (2023):

Na sua forma mais simples, esta crítica é expressa como uma forma de negacionismo. A realidade do aquecimento global, ou a realidade de que é causado pelo ser-humano, ou de que constitui algo negativo, é rejeitada. Estas são as posições padrão associadas ao populismo de extrema-direita nos últimos anos, com algumas variantes sendo mais proeminentes em certos locais do que noutros (p. 7).

No domínio da sociedade civil, as razões explicativas para o aparente estado de acrasia coletiva ou indiferença sobre a crise climática são múltiplas e complexas. Neste breve texto, focamo-nos no papel determinante que a comunicação social pode desempenhar para o combate à iliteracia climática, processo que nem sempre tem sido bem-

sucedido, embora seja crucial que alcance êxito para que a comunicação e o combate ao negacionismo, principalmente ao negacionismo de má-fé, se realizem com eficácia e eficiência. A desinformação sobre as alterações climáticas através da disseminação de notícias falsas e manipuladoras, principalmente através das redes sociais, pode espalhar-se mais rapidamente do que a informação credível e fidedigna.

A difusão de informação científica sobre os limites do sistema-Terra através dos meios de comunicação social tem, pelo menos, dois problemas bem identificados. O primeiro problema diz respeito à comunidade científica, à habitual dificuldade de “traduzir” com eficácia a linguagem da ciência para a linguagem comum, enquanto o segundo problema é da própria comunicação social. Por um lado, os media encontram-se na posição difícil de contribuir para a fluidez da comunicação científica junto dos cidadãos, mas só podem fazê-lo no contexto de livre-mercado capitalista, aceitando anunciantes que vendem produtos que contribuem para a crise climática (Aguiar, Monteiro & Batista, 2022).

Um inquérito da Earth Journalism Network realizado em junho de 2004 a 744 jornalistas de 108 países, sendo 30% deles especializados em questões ambientais e os restantes generalistas, levantou uma questão sobre jornalismo climático que tem vindo a ser debatida no meio profissional: o princípio clássico de ouvir os dois lados numa reportagem. Surpreendentemente, 63% dos entrevistados revelaram que seguem essa prática, o que significa que ouvem a opinião dos negacionistas do clima, que no universo da comunidade científica são cada vez mais raros, e alguns deles principescamente pagos pela indústria dos combustíveis fósseis (Mediatalks, 2024).

A regra de “ouvir todas as partes” deve ser repensada no caso das alterações climáticas, porque para além de dar voz ao negacionismo, transmite ao público em geral a ideia de que a ciência sobre as alterações climáticas ainda está a ser debatida, sem que a influência das ações humanas tenha sido confirmada com toda a clareza, o que é profundamente errado. Um jornalista do Equador que participou no inquérito disse que “Defender o clima não é

ativismo, é uma coisa óbvia, é como defender direitos humanos ou de género” (Mediatalks, 2024).

Recentemente foi publicado no Brasil um “Minimanual para a Cobertura Jornalística das Mudanças Climáticas”, em formato de e-book, da autoria da editora universitária do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Este pequeno manual pode contribuir para a literacia climática e o combate ao negacionismo. Entre os vários assuntos que trata, encontram-se dez recomendações para uma cobertura jornalística adequada das alterações climáticas. Para além de incentivar a especialização dos jornalistas sobre as alterações climáticas, o manual contém recomendações para a divulgação frequente e contínua da investigação científica sobre o tema, o estabelecimento das relações entre as alterações climáticas e os eventos extremos e a necessidade de popularizar a terminologia usada na comunidade científica para uma melhor compreensão do fenómeno, entre outras sugestões (Amaral, Loose, & Girardi, 2020: 18-22).

Conclusões

O negacionismo não deve ser confundido com outros conceitos que aparentam ser-lhe próximos, como é o caso do ceticismo. O negacionismo também deve ser demarcado da pseudociência, da ignorância e da agnotologia.

O negacionismo climático (ou negacionismo das alterações climáticas) é um caso particular de negacionismo que pode ser considerado um sintoma do estado de acrasia coletiva global que parece verificar-se tanto nos agentes políticos, económicos e financeiros que nos governam quanto na população em geral.

O negacionismo climático pode ser explicado por múltiplas razões, de entre as quais (entre tantas outras) se incluem interesses políticos e empresariais, socialização precoce, capital cultural, sistemas de crenças, proteção da identidade de grupo e sistemas sociais que oferecem privilégios em relação aos quais as pessoas não estão preparadas para abdicar ou não querem mesmo fazê-lo.

A iliteracia climática é uma das razões explicativas do negacionismo, em relação à qual a comunicação social pode desempenhar um papel determinante no esclarecimento do fenómeno das alterações climáticas e no combate à desinformação que grassa pelas redes sociais.

Terreno fértil para o crescimento do populismo, o negacionismo climático estende-se a todo o espectro político, embora esteja mais presente nos discursos e ações dos agentes da direita e extrema-direita, apesar dos limites que separam os campos políticos da direita e da esquerda serem cada vez mais difusos.

A principal característica do negacionismo, seja qual for a sua natureza, é a instalação da dúvida. Através da propagação da dúvida, a par com a desinformação sistemática nas redes sociais e em alguns órgãos de comunicação social, os negacionistas fazem-se agentes de políticas de produção da ignorância. Para contrariar a ignorância, não se deve cair na armadilha do debate público entre especialistas, porque nessas discussões tende a prevalecer a opinião em vez do facto científico, que é o que os negacionistas desejam. Para combater a produção da ignorância que alimenta o negacionismo climático, será avisado criar estratégias alternativas que enfrentem a acrasia coletiva global, tratando-a como uma patologia que carece de cura.

Referências

- Aguiar, C. G. B. de, Monteiro, P. O., & Batista, A. J. (2022). Negacionismo e mudanças climáticas. *Revista Ciências Humanas*, 15(3): e33.
<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/922>
- Amaral, M. F., Loose, E. B. & Girardi, I. M. T. (Orgs.). (2020). *Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas* [E-book]. FACOS-UFSM.
https://www.ufsm.br/editoras/facos/minimanual-para-a-cobertura-jornalistica-das-mudancas-climaticas?utm_source=chatgpt.com

Angelos, J. (2024, 26 de agosto). Is Germany's rising superstar so far left she's far right? *POLITICO*. <https://www.politico.eu/article/germany-superstar-sahra-wagenknecht-far-left-far-right>

Arendt, H. (1995). *Verdade e política* (M. Alberto, Trad.). Relógio D'Água. (Obra original publicada em 1968).

Bardon, A. (2019). *The truth about denial: Bias and self-deception in science, politics and religion*. Oxford University Press.

CNN Portugal. (2022, abril 12). A afirmação mais ridícula de Donald Trump - talvez de sempre. *CNN Portugal*. <https://cnnportugal.iol.pt/fortuna/riqueza/a-afirmacao-mais-ridicula-de-donald-trump-talvez-de-sempre/20220412/6255c68b0cf2ea4f0a445982>

Di Cesare, D. (2024). O que é e como opera o negacionismo: Entrevista com Donatella Di Cesare. *Instituto Humanitas Unisinos*. <https://ihu.unisinos.br/categorias/629282-o-que-e-e-como-opera-o-negacionismo-entrevista-com-donatella-di-cesarehttps://ihu.unisinos.br/categorias/629282-o-que-e-e-como-opera-o-negacionismo-entrevista-com-donatella-di-cesare>

Diário de Notícias. (2020, 17 de dezembro). Bolsonaro sobre a vacina da Pfizer: "Se você virar jacaré, é problema seu". *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/bolsonaro-sobre-a-vacina-de-pfizer-se-voce-se-transformar-num-jacare-e-problema-e-seu-13155253.html>

Gomes, S. R. & Zamora, M. H. (2024). Negacionismo: definições, confusões epistêmicas e implicações éticas. *Ciência & Educação*, 30: e24008. <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/FSd54cSMKQPSBcKtvxfWR3w/?lang=pt>

InfoAmazonia. (2023, 19 de janeiro). Pseudociência intencional: o método da extrema-direita para fazer você acreditar que mudanças climáticas não existem. *InfoAmazonia*.

<https://infoamazonia.org/2023/01/19/pseudociencia-intencional-extrema-direita-mudancas-climaticas>

Krange, O., Kaltenborn, B. P. & Hultman, M. (2021). “Don't confuse me with facts” – how right-wing populism affects trust in agencies advocating anthropogenic climate change as a reality. *Humanities and Social Sciences Communications*, 8(255).
<https://www.nature.com/articles/s41599-021-00930-7>

Mann, M. E. (2021). *The new climate war: The fight to take back our planet*. PublicAffairs.

Mediatalks. (2024, junho 22). Pesquisa analisa barreiras e tendências no jornalismo climático. *Mediatalks*.
<https://mediatalks.uol.com.br/2024/06/22/pesquisa-analisa-barreiras-e-tendencias-no-jornalismo-climatico/>

Miguel, J. C. H. (2022). A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, 37(1): 13-34.
<https://www.scielo.br/j/se/a/wCDHY4RdNWSBZC5m6Q7fpBx/?lang=pt>

Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2023). *Contributo científico OPP – O papel dos psicólogos e psicólogas no combate às alterações climáticas*. Lisboa.

Plaza Hotel meetings. (n.d.). *Science Corruption*.
<https://sciencecorruption.com/ATN180/00800.html>

Popper, K. (2018). *Conjeturas e refutações*. Edições 70.

White, J. (2023). What makes climate a populist issue? *Centre for Climate Change Economics and Policy Working Paper, 426/Grantham Research Institute on Climate Change and the Environment Working Paper, 401*. London: London School of Economics and Political Science.

Agradecimentos

Este artigo é parte do projeto PID2022-142980NB-I00/AEI/10.13039/501100011033/FEDER, EU *Environmental practice and wild animal ethics in the context of the climate crisis: a longtermist approach*.